

AS MICRO E MACROTRANSGRESSÕES CONTRA TRANSEXUAIS, A VIDA DE JOÃO W. NERY

Catherine Oliveira Araujo*

NERY, João W. *Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*. São Paulo: Leya, 2011. E-book.

Viagem Solitária não foi sua primeira autobiografia, mas é uma intrigante releitura de sua história de vida contada em *Erro de Pessoa*, publicado em 1984. Aquela perpassa pela superação de sua infância, adolescência e vida adulta cheias de conflitos externos e, sobretudo, internos, para chegar com uma grande alma na 3ª idade.

É preciso estabelecer parâmetros temporais. João nasceu em 1950 e sua adolescência, juventude e começo da vida adulta foram vividas durante o regime militar brasileiro, assim, sofreu intensamente as consequências dessa época, como o exílio de seu pai e punições acadêmicas. Em 1984, sua transexualidade veio a público, sendo o primeiro caso de transexualidade masculina noticiado no Brasil. Nesse contexto, passou por uma intensa e ilegal busca por avanços científicos que proporcionassem a adequação de seu corpo à sua identidade de gênero.

Pessoas intersexuais, não-binárias, dois espíritos, assexuais e agêneros sempre existiram nas mais diversas mitologias e religiões, no entanto, o conceito de transexualidade em sua estrutura moderna surgiu apenas no século XX, potencialmente com Harry Benjamin que, segundo Pierre-Henri Castel e outros estudiosos de gênero, teorizou o distúrbio de identidade de gênero. O debate acerca da transexualidade se desenvolveu durante o século XX, primordialmente entre psicanalistas e endocrinologistas, entretanto, é possível identificar o obscurantismo sobre o tema que se manifestava em João e no contexto que o envolvia.

*Graduanda da 4ª fase do curso Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET).
Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7732071524982548>. E-mail: catherineoliveira1001@gmail.com.

Justificativa: *A resenha sobre o livro Viagem Solitária de João W. Nery busca relatar as experiências do primeiro caso noticiado de um homem trans no Brasil, o qual teve que encarar a ilegalidade de sua existência e o desconhecimento sobre a transexualidade em um país durante uma ditadura militar, com pouca ou nenhuma liberdade sexual e de gênero. Diante do contexto marcado pelo regime militar, pela falta de direitos e, conseqüentemente, pela lentidão do sistema legislativo e de justiça no reconhecimento e legitimação das experiências transexuais no país, somente na segunda década do século XXI, alguns dos direitos de João - que se assumiu transexual em 1984 - seriam, de fato, reconhecidos. Ainda hoje, as diversas violências vividas por pessoas trans são negligenciadas no sistema de justiça brasileiro.*



Desde criança já se entendia por menino, e, nesse contexto, é interessante perceber que, no caso de João - ou, na época, Joana (nome citado, pois o próprio autor o fez) - a identificação de gênero antecedeu a percepção corporal, embora muitos transexuais apenas se identifiquem como tais na adolescência, no auge da vida adulta ou até mesmo na velhice. *Joana*, a filha do meio, desde criança não entendia porque ou como se limitar às atividades e ações ditas para meninas, sendo repreendida em suas tentativas de se libertar e ser aquilo que entendia ser.

João, quando criança, rejeitava o jeito que o chamavam, sempre no feminino, e o jeito que o vestiam. Sempre que podia usava gravatas, pois amava, e tudo aquilo que remetia ao seu sexo feminino, repudiava. Sua grande arma durante longos e torturantes anos foi a representação, não a representação do masculino, mas do feminino, de modo que o seu travestismo se manifestava quando tentava representar aquela figura feminina que lhe impunham.

A representação se enquadrava como solução mais viável até a emancipação da casa de sua mãe, aos 22 anos, e mesmo assim foi uma sombra que teve que carregar durante muitos anos à frente. Quando era uma criança, na invenção de uma “brincadeira” com sua irmã mais nova, encontrou a liberdade mínima de externar o seu verdadeiro eu: naquele mundo criado *Joana* era Zeca.

A adolescência se mostrou ainda mais conflitante em razão da rejeição e da invisibilidade de seus desejos de ser visto como um menino. Esse período coincidiu exatamente com a tomada dos militares no poder, no qual João se deparava com uma repressão imensa da liberdade. Além disso, sequer sabia o que era *transsexualismo* ou *distúrbio de identidade de gênero*, sabia pouco sobre homossexualidade e, ainda que enquadrado continuamente como uma mulher lésbica, não se identificava como tal. Esse período foi marcado pelas mutações do seu corpo, isto é, principalmente o aumento dos seios e a “monstruação”, como chamava.

Nitidamente, essa relação conflitante com sua imagem não foi exclusividade de João. Gabriel Meinberg narrou um pouco de sua história para a repórter Carol Kappa, da Revista Veja, e elucidou, mais uma vez, a importância da representatividade para a identificação e reconhecimento de si mesmo. Sobre seus conflitos internos ele conta

Estudei em colégio católico e, antes de dormir, rezava a Deus para acordar menino. Quando abria os olhos e percebia que nada havia mudado, aquele sentimento de agústia me invadia [...] Na adolescência, tinha seios grandes, e aquilo me atrapalhava muito, porque adorava jogar handebol e futsal. Fiz uma cirurgia de redução de mamas e achei que isso resolveria meus problemas, mas logo vi que nada havia mudado. A agústia só crescia. (MEINBERG, 2020)



Gabriel foi adolescente no começo deste século e, ainda que na mesma época João Nery já se encontrasse no início de sua velhice, diz

Quando fiquei com uma menina pela primeira vez achei bem interessante, mas nunca me senti lésbica, soava errado. Comecei a buscar conteúdo LGBT no YouTube, até que um dia topei com um vídeo chamado Como Me Descobri um Homem Trans, em que um canadense relatava sua infância e o processo de mudança de sexo. Depois de assistir ao filme, tudo fez sentido: 'Cara, sou eu'. (MEINBERG, 2020).

O conflito entre João e seu corpo fez parte de toda sua vida, de forma que o autor narra diversos episódios de crises profundas em que questionava a inadequação de seu sexo, como o fato de possuir seios femininos. Seios grandes fazem com que boa parte dos trans homens tenham má postura de modo que os disfarce mais. Algumas vezes na tentativa de ocultar seus seios amarrou grandes faixas que não ofertavam grandes resultados e traziam desconforto, tendo em vista que naquela época não havia todos os recursos existentes hoje. Atualmente para esta função existem os *binders*, os quais são encontrados com facilidade e das mais variadas formas, havendo dicas de cuidados, por exemplo, não utilizar durante todo o dia, e modos de utilização para que haja efetividade e conforto.

A adolescência naturalmente é um período que envolve a descoberta de novos amores e mais uma área em que um homem trans possui mais obstáculos que um homem ou mulher cis. João quando ainda performava a feminilidade imposta à *Joana*, tentou realizá-la fielmente e investiu na possibilidade de se relacionar com outros homens, sem sucesso. Em sua juventude se relacionou com algumas mulheres. O grande dilema para João era como essas mulheres com quem se relacionava o enchergavam, se o viam como uma mulher, não podia suportar. Em suas diversas relações obteve muitas surpresas, em relacionamentos de anos teve a revelação de que sua parceira realmente gostava de mulheres, outra que queria um "homem de verdade" e outras experiências horríveis.

Durante muitos anos viveu como uma pessoa ambígua, de dois gêneros. Aos 19 anos entrou na faculdade de psicologia e ali teve contato com alguns debates sobre sexualidade e a descobriu como algo variado. Juntamente com o contato com esse ambiente mais aberto da universidade, na década de 70, "a moda agora permitia a maneira unissex de se vestir, o que foi um grande alívio. Pouco a pouco fui tornando minha figura mais ambígua, embora isso ainda incomodasse muita gente" (NERY, 2011). Aos 22 foi possível ir morar com sua mulher, Mercedes. Esse ambiente possibilitou uma maior modificação de seu corpo, e nele adquiriu algumas características masculinas, a ponto de em alguns ambientes ser lido como



homem, apesar de que próximo de conhecidos, permanecia performando *Joana*.

Um dia, por acaso ao sair de casa esqueci a bolsa a tiracolo. Fiquei surpreso ao constatar que ninguém na rua me olhava! Deduzi que, se me aperfeiçoasse mais nos caracteres masculinos, passaria completamente despercebido. Obtive, assim, vantagens na esfera social. Uma liberdade que nunca antes havia desfrutado. Podíamos caminhar abraçados e até nos beijar em plena rua. Finalmente vivenciava, no nível da realidade, meu verdadeiro gênero. (NERY, 2011)

Nesta etapa de sua vida tornou-se taxista e responsável por manter a si próprio e sua mulher. O medo de ser descoberto era constante, a qualquer momento podia ser descoberto e violentado. Apesar de possuir algumas características masculinas e ser lido, na maioria das vezes, como tal, seu medo era em algum momento alguém perceber a falta de volume em suas calças ou a voz fina, caso esquecesse de engrossá-la.

Após um longo tempo sobrevivendo com o mínimo que o emprego de taxista oferecia, uma amiga conseguiu um emprego de professor na universidade, local em que pode desenvolver-se bastante. Apesar de causar desconforto a alguns professores, os alunos gostavam bastante de João. No entanto, ainda tinha que se apresentar no feminino, pois todas as suas documentações eram de Joana, exceto uma carteirinha de estudante que conseguiu.

O primeiro contato de João com a transexualidade só ocorreu em 1975, na Europa especificamente, em Paris. Em suas palavras

viajar por países diferentes e mais desenvolvidos que o meu, que há 11 anos estava submetido a uma ditadura militar que ainda duraria mais dez, me deu uma visão mais ampla do mundo. Pude vivenciar a liberdade de expressão em sociedades mais democráticas e organizadas. (NERY, 2011)

Somente em outro país, outro continente, João teve a oportunidade de entender que o que ocorria com ele não era exclusividade e, muito menos, uma doença psicológica. Toda a disforia que vivera até então saiu do campo da loucura. Para além do contato com a transexualidade, encarou a felicidade da existência de cirurgias. Ainda que a maioria dos testes, estudos e práticas cirúrgicas conhecidas até aquele ano fossem em transfemininas, uma esperança surgiu e a conversa de João consigo mesmo há anos de não desistir fazia sentido. Perseverança foi a arma de João.

Uma amiga e psicóloga especializada nos estudos sobre sexologia no exterior contactou João, já aos 26 anos, sobre a possibilidade de uma cirurgia. O início de suas diversas cirurgias se deu com o contato de um endocrinologista, do qual



resultou que “quanto à análise hormonal, ocorreu o já esperado pela equipe: uma taxa elevada de testosterona no sangue, pois meu psiquismo estava interferindo diretamente no sistema endócrino” (NERY, 2011). Foi por meio do Doutor Porto, endocrinologista, que conheceu o cirurgião plástico Roberto Farina.

Ainda que tomado pela felicidade de conhecer Farina e este assumir o risco de enfrentar a ilegalidade do processo, João externa a consciência da posição de cobaia, o que hoje é nítido: não apenas João era cobaia de experimentos, mas desde a sua classificação, homens e mulheres trans foram tratados como mero experimentalismo das ciências e das leis, seja na cirurgia ou na definição de patologia, seja estabelecendo se é definitivamente trans ou na decisão da legalidade de sua existência.

Enquanto esperávamos a saída do ônibus, enxerguei então o absurdo de toda a situação: estava completamente na mão dos outros. O problema era meu; quem sofria e sabia do que se passava dentro de mim era eu. No entanto, era uma equipe multidisciplinar “especializada” que decidiria o que eu era, como me sentia, qual a melhor solução para a minha vida. Sem qualquer liberdade de escolha e ainda dando graças a Deus por existir uma saída! (NERY, 2011).

O psiquiatra da equipe de Dr. Porto se mostrou como uma grande surpresa. Após meses de terapia exigidos pelos médicos para definir se o caso de João era um exemplo legítimo de transexualidade e assim dar prosseguimento nas cirurgias, o Dr. Felipe proferiu palavras duras a ele

- Afinal, você vai escrever ou não que sou transexual?
- Isso não poderei fazer, porque ainda tenho dúvidas se a transexualidade existe realmente e até que ponto difere da homo. [...]
- Olha, se quiser, posso dizer que você é homossexual... Mas trans é impossível! (NERY, 2011)

Com a indicação de Farina, João conseguiu outro psiquiatra e um laudo.

Na década de 70 era imoral ser homossexual. A transexualidade não era nem entendida, ainda menos permitida. Todos aqueles envolvidos nos processos cirúrgicos de João Nery e tantos outros, estavam infringindo a lei e correndo graves riscos por estar no epicentro de uma ditadura militar que já durava uma década. Farina já havia operado uma mulher trans, caso pelo qual foi julgado.

Em 1976, Roberto Farina foi denunciado pelo Ministério Público de São Paulo por lesão gravíssima à vítima Waldirene, mesmo que esta tenha confirmado seu consentimento. De acordo com Amanda Rossi, em 2020, para a BBC Brasil, du-



rante o julgamento “os órgãos masculinos retirados na operação foram tidos como um ‘bem físico’ *tutelado pelo Estado*, ‘inalienável e irrenunciável’”. Também, como escreve Rossi (2020), prossegue o Procurador Luiz de Mello Kujawski em pedido de instauração de inquérito policial

“Não há nem pode haver, com essas operações, qualquer mudança de sexo. O que consegue é a criação de eunucos estilizados, para melhor aprazimento de suas lastimáveis perversões sexuais e, também, dos devassos que neles se satisfazem. Tais indivíduos, portanto, não são transformados em mulheres, e sim em verdadeiros monstros”.

Até 1976 Farina já havia realizado dezenas de cirurgias de redesignação sexual, dentre elas Waldirene e João. Farina foi descoberto pela ligação de uma palestra em que assumiu estar fazendo esse tipo de cirurgia e a tentativa de Waldirene mudar o nome em seu registro civil. Durante o processo, a comunidade médica internacional se moveu em prol de Roberto. Conforme a referida matéria da BBC, uma das cartas enviadas era de John Money, cirurgião plástico da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins, o qual relatou que “seria um erro das autoridades judiciais no Brasil de processar o Dr. Farina por seguir um procedimento médico e cirúrgico internacionalmente respeitado e aceito”. Entretanto, o juiz do caso condenou o médico a dois anos de pena por lesão corporal gravíssima.

Após a decisão o Ministério Público recorreu, pedindo o aumento da pena, com argumentos cruéis e falsos sobre Waldirene e a contribuição para a prostituição por parte de Farina. No entanto, em 1979, o cirurgião foi absolvido pelos desembargadores.

A tentativa de mudança de nome entrou para a lista de derrotas travadas contra a justiça, não apenas para Waldirene, mas também para João. Joana, formada em psicologia e com pós-graduação, João, sem qualquer registro. Waldir, formado em contabilidade, Waldirene, manicure.

Waldirene entrou na Justiça na tentativa de alterar seu nome, o que só se realizou aos seus 65 anos, em 2010. João, para conseguir seus documentos, deixou uma vida inteira para atrás e com ela *Joana*.

- É maior de 18?
- Sou – respondi, fazendo um esforço para a voz não falhar.
- Nunca foi registrado?



Selma resolveu me socorrer. Antes que me traísse, tomou a palavra: — Não. Nunca foi registrado. Mas agora está precisando tirar os documentos para fazer o serviço militar. [...]

— Nome?

— João Walter Nery. (NERY, 2011)

De acordo com a Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº 1.955/10, em 1997 criou-se a primeira legislação médica em direção a uma possível legalização da cirurgia de redesignação sexual. A Resolução CFM no 1.482/97 possui a seguinte redação “1. Autorizar, a título experimental, a realização de cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia, neofaloplastia e ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento dos casos de *transexualismo*”.

O novo texto da Resolução CFM nº 1.955/10 é o seguinte:

Art. 1º Autorizar a cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia e/ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento dos casos de transexualismo.

Art. 2º Autorizar, ainda a título experimental, a realização de cirurgia do tipo neofaloplastia.

Somente em 2009, pela Portaria nº 1.820, no art. 4º, I, o uso do nome social foi garantido em prontuários médicos, sob a redação:

I - identificação pelo nome e sobrenome civil, devendo existir em todo documento do usuário e usuária um campo para se registrar o nome social, independente do registro civil sendo assegurado o uso do nome de preferência, não podendo ser identificado por número, nome ou código da doença ou outras formas desrespeitosas ou preconceituosas.

A Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008, regulamentou a realização da cirurgia de redesignação sexual pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e, em 2018, pela Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4. 275, o Supremo Tribunal Federal permitiu a mudança de nome no registro civil sem a necessidade da realização de cirurgia ou decisão judicial.

A partir desses dados, é possível perceber a demora para que a legislação e o direito definissem e garantissem os direitos de pessoas trans. Caso João espe-



rasse a cirurgia e a correção de seu nome serem legalizadas, arriscaria deixar concretizar uma das maiores ansiedades que acomete a vivência das pessoas trans: morrer sem nunca expressar a plenitude de sua identidade e tê-la reconhecida.

O reconhecimento desses direitos não garante que serão cumpridos em sua totalidade ou de modo mais fácil. Na verdade, para que estes sejam colocados em prática, é exigido muita luta e constrangimentos que poderiam ser evitados por meio do preparo de funcionários de cartórios, médicos e recepcionistas de clínicas médicas, por exemplo.

A violência contra corpos trans é diária, seja por órgãos públicos ou por civis. São microtransgressões que ao longo da vida se tornam feridas imensas, além do abandono e negligência.

Mesmo com toda a baixa probabilidade de sobrevivência e de destaque, João Walter Nery foi uma dessas pessoas que resistiram contra todas as estatísticas, sobreviveram e conseguiram se destacar no Brasil, o país mais violento contra a população LGBT e, principalmente, contra transexuais e travestis.

A história de João é apenas uma dentre milhões que não são conhecidas e talvez nunca serão, mas que devem ser admiradas pela força de sua existência, conjuntamente com a memória daqueles que não sobreviveram, que foram humilhados, mortos e desprezados se torne a força e resistência de homens e mulheres trans e cisgêneros.

João W. Nery morreu dia 26 de outubro de 2018, aos 68 anos, sendo orgulhosamente pai, escritor e deixando um legado incrível e inspirando outros homens trans.

REFERÊNCIAS



CASTEL, Pierre-Henri. *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*. Revista brasileira de história. v. 21. n. 41. 2001. p. 77-111. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882001000200005>. Acesso em: 26 de jan. de 2022.

KAISER, Millos. *Corpo estranho*. Trip. ed. 184. 15 de dez. de 2009. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/corpo-estranho>. Acesso em: 26 de jan. de 2022.

MEINBERG, Gabriel. *Homem trans relembra processo de mudança de sexo: ‘Sensação de liberdade’*. Entrevista concedida a Carol Zappa. VEJA Rio. Beira-mar. 9 de mar. de 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/beira-mar/depoimento-homem-trans-liberdade/>. Acesso em: 27 de jan. de 2022.

MOREIRA, Euza Aparecida da Silva; MARCOS, Cristina Moreira. *Breve percurso histórico acerca da transexualidade*. Psicologia em revista. v. 25. n. 2. Belo Horizonte. ago. 2019. p. 593-609. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v25n2/v25n2a13.pdf>. Acesso em: 26 de jan de 2022.

ROSSI, AMANDA. *‘Monstro, prostituta, bichinha’: como a Justiça condenou a 1ª cirurgia de mudança de sexo do Brasil*. BBC Brasil. A história de Waldirene. Núcleo de Estudos, Pesquisa, Extensão e Assistência à Pessoas Trans Professor Roberto Farina. UNIFESP. São Paulo. 18 de maio de 2020. Disponível em: <https://nucleotrans.unifesp.br/producao-de-conhecimento/materias-jornalisticas/a-historia-waldirene>. Acesso em 29 de jan. de 2022.

